

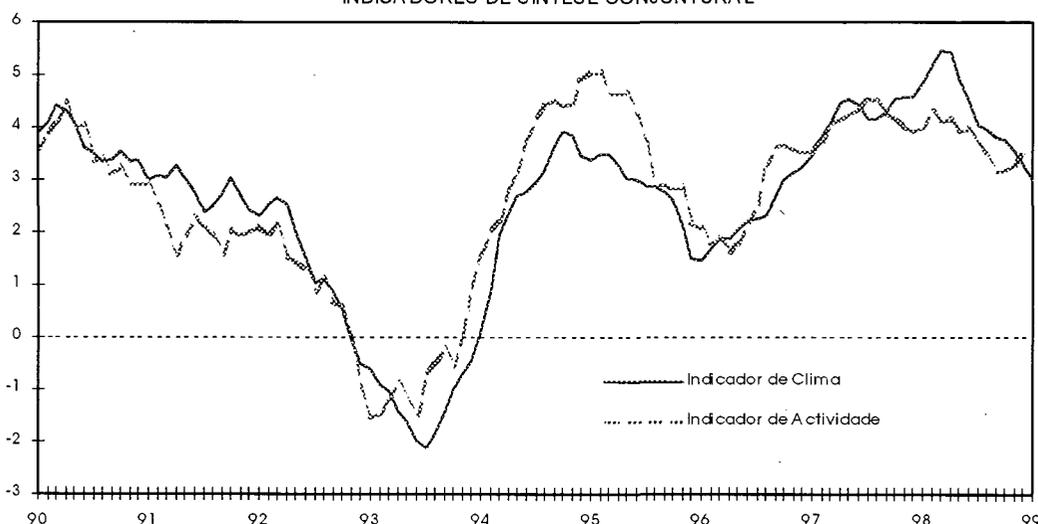


SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

Janeiro de 1999

INDICADORES DE SÍNTESE CONJUNTURAL



O ritmo de crescimento da economia dos Estados Unidos acelerou ao longo do quarto trimestre de 1998 mas o mesmo já não se verificou na UE, onde a economia continua a desacelerar. A procura interna foi, em ambos os casos, o principal sustentáculo do crescimento económico, uma vez que as exportações têm continuado a abrandar. O abrandamento das exportações tem-se transmitido à indústria transformadora e reflecte a conjuntura desfavorável que continua a ser vivida no resto do Mundo. A aceleração do crescimento nos Estados Unidos deverá ter prosseguido em Janeiro, tendo a sua taxa de desemprego permanecido num nível historicamente muito baixo. No entanto, esta tendência deverá ser invertida a curto prazo, dado que um dos principais motores do crescimento tem sido a despesa das famílias e que a taxa de poupança destas desceu para apenas 0,4 por cento em 1998.

A desaceleração da procura mundial de bens industriais está a provocar um abrandamento do investimento na indústria da UE, cujo crescimento em volume deverá baixar para 3 por cento em 1999. O próprio crescimento económico da UE deverá ser em 1999 um pouco inferior às últimas previsões dos organismos internacionais.

As exportações de mercadorias e a indústria transformadora portuguesas estão também a reflectir este ambiente externo desfavorável. O seu ritmo de crescimento abrandou significativamente ao longo de 1998 e esta tendência deverá ter permanecido em Janeiro. Também a actividade hoteleira apresentou um crescimento mais lento a partir do final da Expo, enquanto a conjuntura nas obras públicas e na construção de edifícios não residenciais mantinha um perfil descendente até ao final de Janeiro.

No entanto, o crescimento global da economia portuguesa melhorou um pouco durante o quarto trimestre, devido à evolução muito favorável da actividade na construção de habitações e nos serviços. O indicador de actividade económica teve uma subida homóloga de 3,5 por cento neste período, quando subira apenas 3,1 por cento no trimestre anterior. As expectativas empresariais apontam para que este ritmo de crescimento venha a abrandar durante os próximos meses.

A construção e os serviços foram os sectores que mais contribuíram para o crescimento do emprego em 1998, segundo se depreende dos resultados do inquérito ao emprego realizado pelo INE junto das famílias. Em contrapartida, o emprego no sector primário e na indústria transformadora diminuiu ao longo do ano passado. A taxa de desemprego reduziu-se significativamente, de 5,9 por cento para 4,8 por cento, entre o primeiro e o quarto trimestre. O desemprego continuou a descer em Janeiro, dada a diminuição do número de desempregados inscritos nos centros de emprego.

O investimento e o consumo mantiveram uma evolução positiva até ao final de Janeiro, embora o ritmo de crescimento do investimento seja inferior ao apurado durante o primeiro semestre do ano passado. A confiança dos consumidores manteve-se estável, e relativamente elevada, depois de ter retrocedido um pouco em meses anteriores.

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor desceu para 2,7 por cento em Janeiro, beneficiando de uma evolução mais moderada dos preços do conjunto dos bens alimentares e dos preços da Educação. A tendência de fundo da inflação manteve-se mais baixa e relativamente estável, em torno de 2,4 por cento. Alguns bens alimentares continuaram a apresentar subidas muito intensas.

Catálogo recomendada

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL. Lisboa, 1997-
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,
1997- . - 30 cm
Mensal
ISSN 0873-9374

Director

Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor

Instituto Nacional de Estatística
Av. António José de Almeida
1000-043 LISBOA
Telefone: (01) 842 61 00
Fax: (01) 842 63 65

Composição

INE - Gabinete de Estudos
Área Económica

Impressão

INE - Secção de Artes Gráficas

Tiragem: 550 exemplares

Depósito legal n.º 117748/97

Preço: 480\$00 (IVA incluído)

Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:

Gabinete de Estudos - Área Económica

Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821

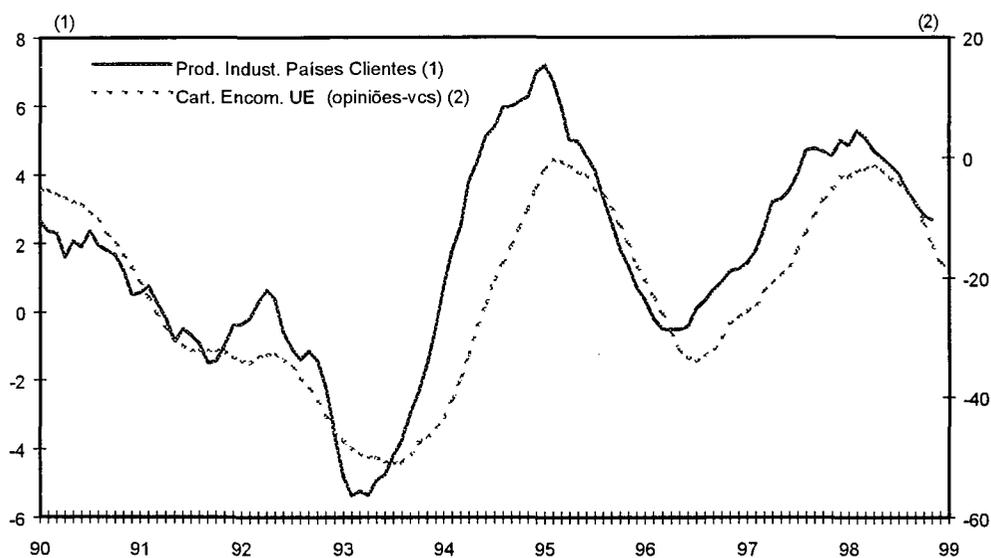
O INE na Internet
<http://www.ine.pt>

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

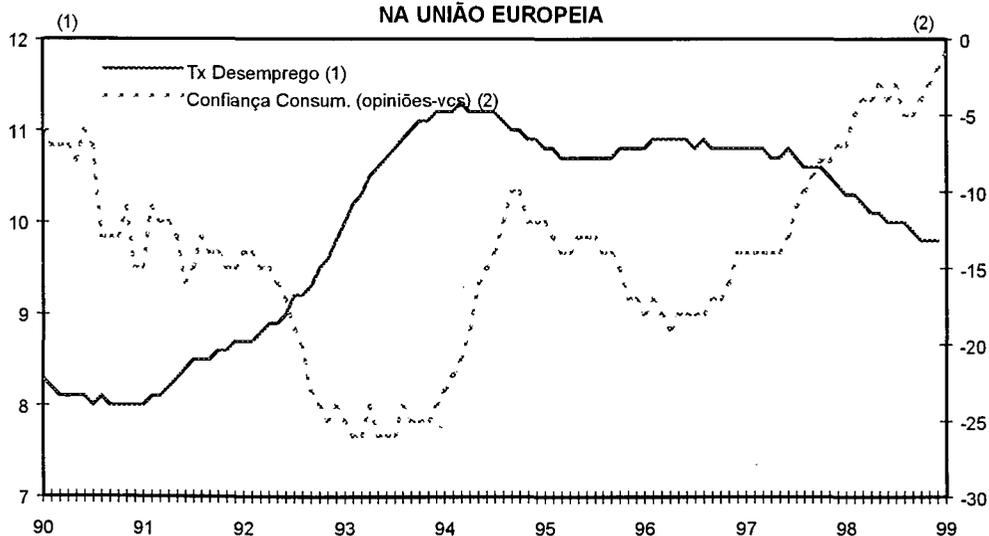
JANEIRO DE 1999

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Nov.98	Dez.98	Jan.99
ENQUADRAMENTO EXTERNO								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	3.2	3.5	3.0	2.8	-	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	5.0	5.1	4.3	3.2	-	2.7	-	-
Cart.Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-3	-2	-3	-8	-18	-19	-19	-21
Indic.Confiança dos Consumid.na UE (opiniões-vcs)	-8	-5	-4	-4	-3	-3	-2	-1
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.5	10.3	10.1	10.0	9.8	9.8	9.8	-
Preços no Consum.na UE (índ.mensal harmonizado)	1.7	1.3	1.6	1.3	1.0	1.0	1.0	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	1.3	0.7	0.1	-0.8	-	-1.4	-	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	0.4	-11.0	-21.6	-21.1	-18.3	-19.5	-18.3	-16.9

CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



ENQUADRAMENTO EXTERNO

O ritmo de crescimento económico acelerou durante o quarto trimestre de 1998 nos Estados Unidos mas continuou a desacelerar na UE. A procura interna continua a fornecer a contribuição mais positiva para o crescimento nestes países. A indústria mantém-se como o sector mais afectado pela retracção da procura mundial.

O PIB dos Estados Unidos registou um crescimento homólogo de 4,2 por cento durante o quarto trimestre de 1998. Esta aceleração do ritmo de crescimento foi impulsionada pelo dinamismo da procura interna, que beneficiou particularmente os sectores da construção e dos serviços. Tanto a despesa das famílias como o investimento das empresas norte-americanas cresceram muito intensamente. No caso da despesa das famílias, prosseguiu o seu financiamento por via da redução da poupança, cuja taxa desceu para apenas 0,4 por cento em 1998 e foi já ligeiramente negativa durante o seu último trimestre. O crescimento económico deste país manteve-se ainda muito forte em Janeiro, como se deduz da estabilização da taxa de desemprego em apenas 4,3 por cento.

A procura interna da UE tem mantido também uma evolução favorável mas o crescimento económico global neste região tem continuado a abrandar. Esse abrandamento continua a ser mais visível na indústria.

De facto, o andamento da produção industrial dos principais países clientes de Portugal continuou a fraquejar, baixando o seu crescimento homólogo para 2,7 por cento durante o trimestre terminado em Novembro. Esta tendência deverá ter prosseguido durante os meses seguintes, tendo a taxa de utilização da capacidade produtiva da indústria transformadora da UE descido para 82,6 por cento durante o quarto trimestre, ou seja, 0,6 pontos percentuais abaixo do período homólogo. De acordo com as opiniões dos industriais da UE, verificou-se uma evolução desfavorável das novas encomendas recebidas no decorrer do quarto trimestre, enquanto o nível da carteira de encomendas e a produção prosseguiram com um andamento muito fraco até ao final de Janeiro de 1999.

As avaliações dos industriais da UE sugerem uma evolução negativa da sua carteira de encomendas externa até ao final de Janeiro. No entanto, de acordo com as suas expectativas, deverá ocorrer uma ligeira reanimação do volume das exportações ao longo do primeiro trimestre.

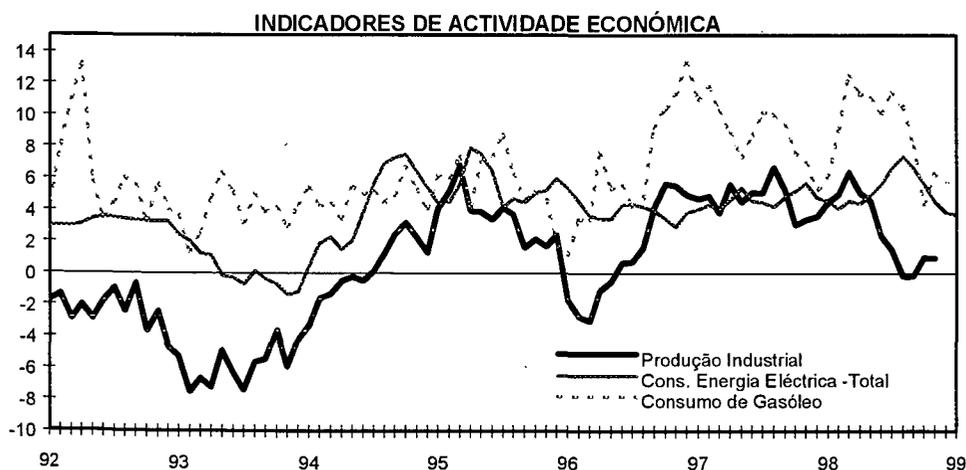
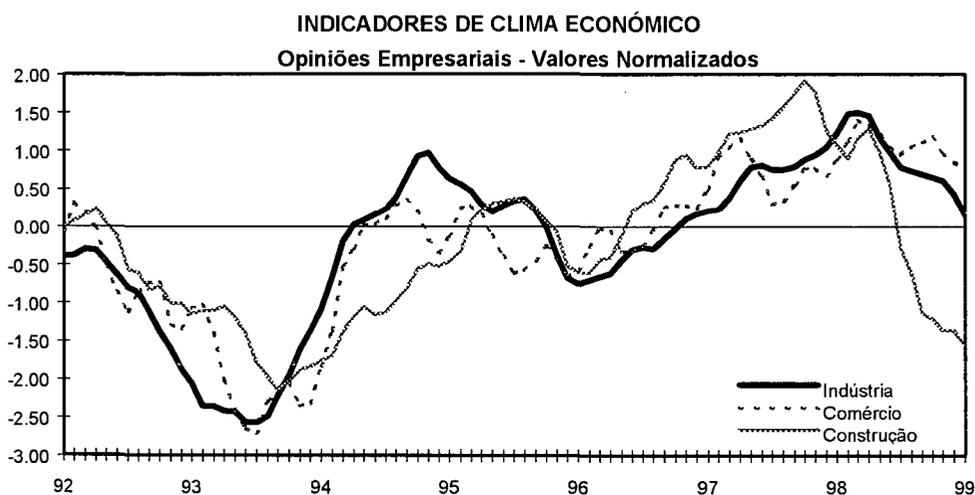
Devido a esta conjuntura, o crescimento do investimento industrial deverá abrandar em 1999. Assim, de acordo com o inquérito realizado pela CE em Outubro de 1998, o volume de investimento da indústria transformadora da UE deverá crescer apenas 3 por cento em 1999, depois de ter subido 6 por cento em 1998.

A procura interna de bens de consumo manteve na UE um forte dinamismo até ao final de Janeiro. De facto, o indicador de confiança dos consumidores da UE continuou a melhorar até ao final de Janeiro. O mesmo sucedeu nos Estados Unidos, onde a melhoria da confiança dos consumidores foi acompanhada por uma forte subida do volume de vendas no comércio a retalho.

A taxa de desemprego da UE estabilizou em torno de 9,8 por cento, entre os meses de Outubro a Dezembro, interrompendo a tendência de descida dos meses anteriores.

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor situou-se em Dezembro em 1,6 por cento nos Estados Unidos, enquanto a mesma medida do índice harmonizado da UE permanecia em 1 por cento. A informação disponível sugere uma estabilização da inflação destes países durante o mês de Janeiro. Por outro lado, os preços de produção continuaram em queda, o mesmo sucedendo com os preços das matérias-primas não energéticas e do petróleo.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Nov.98	Dez.98	Jan.99
INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA								
Indicador de Clima Económico	4.6	5.4	4.5	3.8	3.3	3.5	3.3	3.0
Indicador da Actividade Económica	3.9	4.1	4.0	3.1	3.5	3.3	3.5	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	3.6	6.4	2.3	-0.2	-	0.9	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	8.2	12.0	6.9	5.1	-	2.8	-	-
Proc.Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-4	-1	-6	-11	-15	-14	-15	-15
Volume de Negócios no C.Retalho (índice)	6.3	11.1	12.8	9.1	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	1.05	1.50	0.98	0.69	0.42	0.60	0.42	0.15
Indicador de Clima na Construção(opiniões-v.norm.)	1.26	1.16	0.54	-1.14	-1.36	-1.36	-1.36	-1.56
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	0.67	1.40	1.06	1.10	0.85	0.98	0.85	0.77
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	53.6	58.1	59.9	61.3	55.3	57.6	55.3	-
CONSUMOS ENERGÉTICOS								
Energia Eléctrica - Total	4.8	4.5	5.6	6.7	3.8	4.5	3.8	3.7
Consumo de Gasóleo	5.3	12.5	10.1	8.1	5.7	6.3	5.7	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	8.2	7.6	1.6	3.8	-3.8	-0.9	-3.8	-



ACTIVIDADE ECONÓMICA

O ritmo de crescimento económico melhorou no quarto trimestre de 1998, período em que o indicador de actividade cresceu cerca de 3,5 por cento. As expectativas dos agentes económicos sugerem um abrandamento deste ritmo durante o primeiro trimestre do corrente ano.

O indicador de actividade económica registou um crescimento homólogo de 3,5 por cento durante o quarto trimestre de 1998, depois de ter crescido 3,1 por cento no trimestre anterior. Para esta reanimação do ritmo de crescimento terão contribuído tanto a generalidade dos serviços como a construção e, ainda que mais moderadamente, a própria indústria transformadora. No entanto, um conjunto de sectores apresentou um andamento trimestral muito mais lento, como decorre da evolução dos consumos de energia eléctrica e de combustíveis líquidos.

Apesar da reanimação do crescimento durante o final de 1998, as expectativas empresariais continuam a apontar no sentido do abrandamento do crescimento económico, como se deduz do comportamento do indicador de clima económico.

A evolução muito positiva da actividade no conjunto dos serviços é sugerida pela subida do volume de emprego sectorial ao longo de 1998. De facto, o volume de emprego nos serviços registava no final do quarto trimestre um nível superior em 3,3 por cento ao do final do primeiro trimestre, segundo os resultados do inquérito ao emprego realizado pelo INE junto das famílias. O comércio terá sido dos sectores em que o crescimento se manteve mais forte, tendo por referência quer as apreciações dos seus empresários acerca da actividade quer a evolução do volume de vendas no comércio a retalho, que cresceu, em termos homólogos, 9,9 por cento durante o trimestre terminado em Outubro.

A actividade no sector da hotelaria manteve-se durante o quarto trimestre ainda bastante acima do período homólogo, tendo a taxa de ocupação-quarto conhecido uma subida homóloga de 1,7 pontos percentuais. Mas verificou-se uma desaceleração deste crescimento homólogo entre o terceiro e o quarto trimestres.

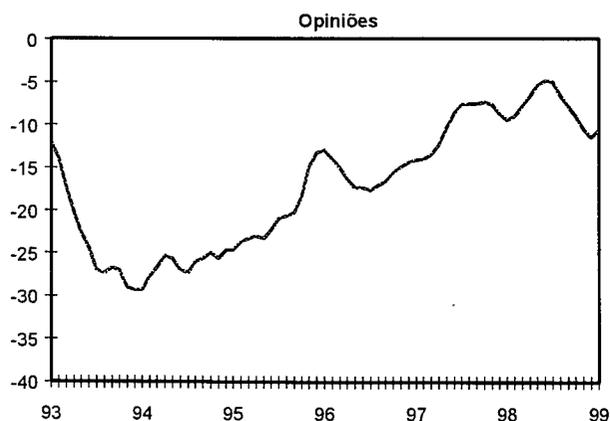
Também o sector da construção registou uma significativa melhoria a partir do início do quarto trimestre de 1998, como se conclui da importante recuperação das vendas internas de materiais de construção. Essa evolução positiva manteve-se em Janeiro. Esta melhoria da actividade contrasta com o pessimismo crescente dos empresários do sector, particularmente das componentes de obras públicas e de edifícios não residenciais. A explicação poderá residir no facto de ser apenas uma das suas componentes, a de edifícios residenciais, que está a contribuir para o crescimento global do sector. De resto, também o inquérito ao emprego assinala que no final de 1998 o volume de emprego na construção se situava 8,6 acima do verificado no final do primeiro trimestre do mesmo ano, confirmando uma evolução bastante positiva da actividade sectorial ao longo do ano passado.

Por sua vez, a produção industrial da indústria transformadora cresceu, face ao período homólogo, 0,9 por cento durante o trimestre terminado em Novembro último. Apesar de bastante fraca, esta evolução é mais positiva do que a verificada no terceiro trimestre, onde se registou uma queda de 0,2 por cento. A evolução ter-se-á mantido mais negativa no sector de bens intermédios, dado que o consumo industrial de fuel registou uma diminuição homóloga de 3,8 por cento durante o quarto trimestre.

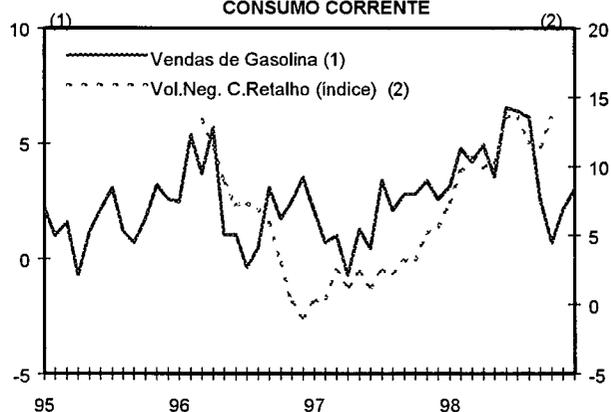
Os indicadores de clima registaram uma nova queda em Janeiro, tanto na indústria, como no comércio e na construção. Tendo adicionalmente em conta a perda de dinamismo da hotelaria, é de esperar que o crescimento económico abrande durante os próximos meses, à semelhança do já verificado na generalidade dos países da UE.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Nov.98	Dez.98	Jan.99
CONSUMO PÚBLICO	-0.5	8.1	7.9	5.7	-	8.2	-	-
Despesas com Pessoal	4.2	8.9	8.3	7.3	-	7.7	-	-
Despesas com Bens e Serviços	-17.7	-3.6	3.8	-6.5	-	12.5	-	-
SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-7	-8	-6	-5	-6	-6	-6	-5
CONSUMO PRIVADO								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-9	-8	-5	-8	-11	-11	-11	-11
Crédito ao Consumo (tvh-valor)	27.0	29.0	26.9	29.2	-	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	18.2	18.9	22.6	21.7	22.1	22.5	22.1	20.7
Proc.Interna B.Consumo Indust.(opiniões-ve-mm3m)	-15	-11	-9	-9	-9	-8	-9	-8
CONSUMO CORRENTE								
Vendas no Com.Retalho B.Cons.Corr. (opiniões)	5	0	2	6	6	2	6	14
Vol.Negócios no C.Retalho B.Cons.Corr.(índice)	5.6	10.6	13.6	11.4	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	9.6	8.4	13.3	9.8	7.8	8.0	7.8	-
Vendas de Gasolina	2.6	4.2	6.5	2.6	3.0	2.1	3.0	-
Dormidas na Hotelaria	4.6	3.3	9.5	8.9	-	-	-	-
CONSUMO DE BENS DURADOUROS								
Vendas no Com.Retalho B.Durad. (opiniões)	-16	-8	4	-16	-20	-21	-20	-15
Vol.Negócios no C.Retalho B.Dur.(índice s/Autom.)	4.4	13.0	14.3	7.2	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veíc. Todo-o-Terreno	4.0	5.3	21.3	23.3	22.5	29.5	22.5	27.0
Matrículas de Automóv. e Veíc. Todo-o-Terreno	6.4	6.3	11.0	13.0	24.5	15.6	24.5	16.4
Vol. de Negócios da Indústria Mobiliário (índice)	15.9	13.2	10.5	4.2	-	-3.9	-	-

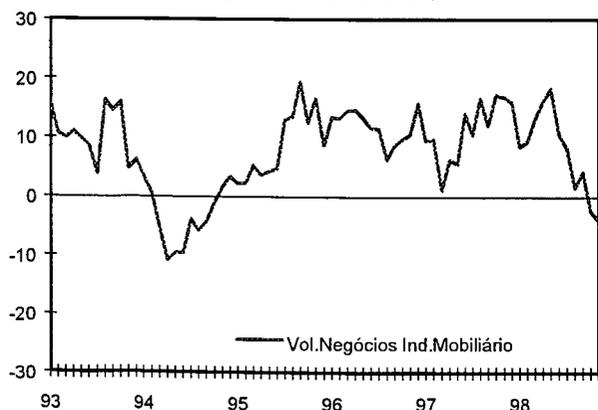
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



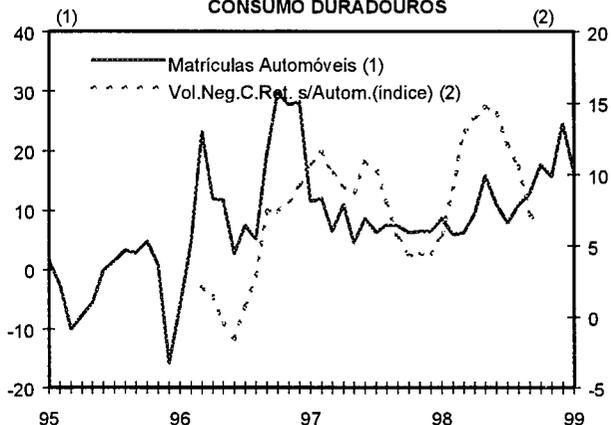
PROCURA INTERNA DE BENS DE CONSUMO CORRENTE



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



CONSUMO FINAL

O indicador de confiança dos consumidores estabilizou durante o trimestre terminado em Janeiro, enquanto as apreciações das famílias acerca da sua situação financeira permaneciam num nível elevado. A procura interna de bens de consumo manteve-se muito positiva, sendo de destacar a consolidação do forte ritmo de crescimento das vendas de automóveis.

O indicador de confiança dos consumidores estabilizou durante o trimestre terminado em Janeiro. O andamento global do consumo permaneceu forte e estável, tendo por referência a evolução das operações da rede do Multibanco, das vendas de automóveis e das opiniões dos empresários dos empresários do comércio a retalho e da indústria produtora de bens de consumo acerca da procura interna que lhes foi dirigida.

Segundo as opiniões dos consumidores inquiridos pelo INE, a situação financeira das famílias evoluiu de forma favorável até final de Janeiro, beneficiando da descida do desemprego e da melhoria do poder de compra salarial.

A procura interna de bens de consumo corrente continuou a registar um comportamento bastante positivo, embora alguns indicadores tenham evidenciado sinais de abrandamento.

O andamento favorável do conjunto da despesa em bens de consumo corrente é sugerida pela melhoria verificada até ao final de Janeiro pelo saldo das apreciações dos empresários do comércio a retalho de bens alimentares, vestuário e calçado acerca do seu volume de vendas. Refira-se que o índice de volume de negócios destes sectores já tinha crescido 13,5 por cento durante o trimestre terminado em Outubro.

No entanto, o crescimento homólogo das vendas dos supermercados, hipermercados, lojas de desconto e de conveniência baixou para 7,8 por cento durante o quarto trimestre. O mesmo perfil descendente terá sido registado pelo crescimento das dormidas na hotelaria a partir do final da Expo, segundo se depreende da evolução das taxas de ocupação hoteleira. Por sua vez, as vendas de gasolina aumentaram 3 por cento no quarto trimestre, apresentando um crescimento muito próximo do observado no trimestre anterior.

A procura global de bens duradouros manteve-se muito forte até ao final de Janeiro, embora o crescimento da componente não automóvel tenha abrandado no quarto trimestre de 1998.

De facto, as opiniões dos empresários do comércio a retalho de bens duradouros (sem automóveis) acerca da evolução do seu volume de vendas registaram um saldo menos favorável durante os últimos três meses de 1998 e o crescimento homólogo do índice de volume de negócios neste sector baixou para 6,7 por cento durante o trimestre terminado em Outubro. Por sua vez, o índice de volume de negócios da indústria de mobiliário decresceu, em termos homólogos, 3,9 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro, acentuando a tendência descendente do terceiro trimestre.

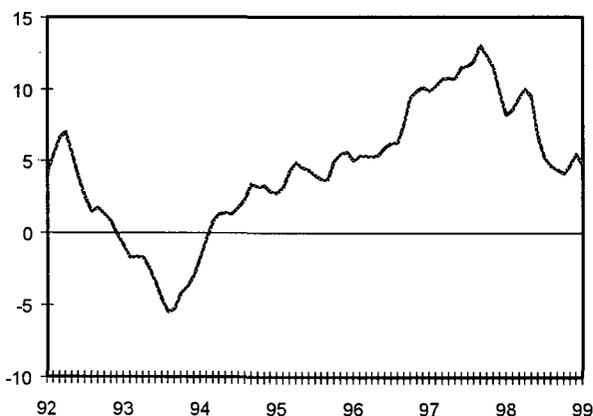
No entanto, as opiniões dos empresários do comércio a retalho deste sector recuperaram durante o trimestre terminado em Janeiro para um nível próximo do verificado no terceiro trimestre de 1998.

O crescimento das vendas de automóveis tem-se mantido muito forte e melhorou mesmo em Janeiro, tendo as vendas de automóveis e de veículos todo-o-terreno novos aumentado, face ao período homólogo, 27 por cento ao longo do trimestre terminado nesse mês. O crescimento homólogo das matrículas deste tipo de veículos conheceu uma desaceleração, descendo para 16,4 por cento.

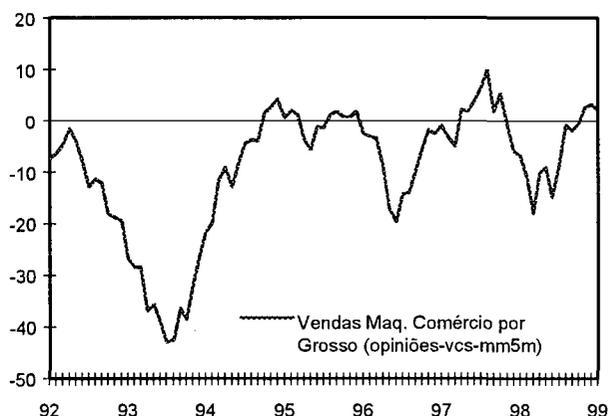
O forte dinamismo da procura interna de bens de consumo fez com que, entre Janeiro e Outubro, o valor das importações da sua componente não alimentar tivesse registado uma subida homóloga de 16,9 por cento, enquanto a importação de bens alimentares aumentava 19,2 por cento. Para a subida dos bens alimentares contribuiu significativamente a ocorrência de um mau ano agrícola.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Nov.98	Dez.98	Jan.99
INVESTIMENTO								
Indicador Coincidente de FBCF	9.8	9.4	6.7	4.4	5.4	4.7	5.4	4.7
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh)	23.1	23.3	25.3	11.3	-	X	X	X
CONSTRUÇÃO								
Vendas de Cimento	0.9	10.0	-0.2	0.2	9.9	6.5	9.9	9.3
Vendas de Varão para Betão	-18.3	3.5	15.8	-6.5	20.5	-4.4	20.5	31.3
Prod. Indust. de Barro p/Construção (índice-tvh)	12.0	6.0	-0.7	8.0	-	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-6	-17	-16	-28	-35	-37	-32	-35
Adjudic. Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	116.8	31.9	-0.1	-6.1	-49.7	-51.4	-49.7	-49.7
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	44.1	51.7	53.7	59.3	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	5.6	17.9	8.5	9.8	-	14.3	-	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	-13	-13	-10	10	-1	-4	-1	5
MATERIAL DE TRANSPORTE								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	13.4	14.7	2.4	6.9	21.3	13.0	21.3	19.6
Vendas de Veículos Comerciais Pesados	35.6	26.0	13.3	7.1	-	-	-	-

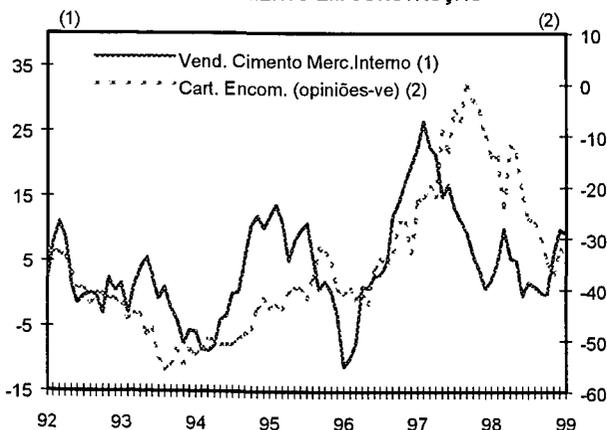
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



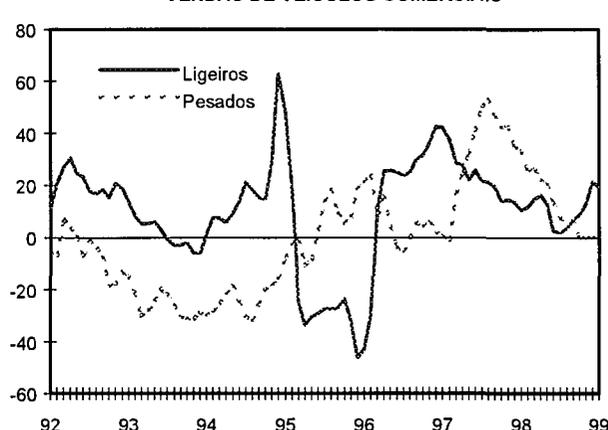
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



VENDAS DE VEÍCULOS COMERCIAIS



INVESTIMENTO

O ritmo de crescimento do investimento manteve-se relativamente estável ao longo do trimestre terminado em Janeiro. O investimento em habitação, em máquinas e em veículos comerciais ligeiros continuou a melhorar, enquanto abrandava o investimento em obras públicas, em edifícios não residenciais e em veículos comerciais pesados.

O indicador coincidente do investimento apresentou um crescimento homólogo de 4,7 por cento ao longo do trimestre terminado em Janeiro, uma evolução muito próxima da apurada ao longo do segundo semestre de 1998. No entanto, algumas componentes do investimento, casos da habitação, das máquinas e dos veículos comerciais ligeiros, registaram um andamento muito forte neste período, enquanto enfraquecia o crescimento das restantes componentes.

O andamento muito vivo do investimento em máquinas e equipamentos até ao final de Janeiro é sugerido pelo indicador das apreciações dos empresários do subsector grossista destes produtos acerca da evolução do seu volume de vendas.

Pelo seu lado, as vendas de veículos comerciais ligeiros registaram uma subida homóloga de 19,6 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro, uma evolução muito próxima da verificada no quarto trimestre de 1998 e bastante mais positiva do que a apurada no resto do ano passado.

O investimento em habitação por parte das famílias manteve uma forte subida até ao final de Janeiro, pelo que se deduz da evolução das opiniões dos empresários da construção inquiridos pela AECOPS acerca da venda de fogos. O dinamismo do investimento das famílias justifica os fortes crescimentos em 1998 do número de fogos concluídos e do número de novos fogos licenciados. O crescimento homólogo do número de licenças para a construção de novas habitações melhorou, inclusivamente, durante os últimos meses, atingindo 14,3 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro.

O andamento muito positivo do investimento em habitação deverá ter sido o principal responsável pela significativa melhoria da procura interna de materiais de construção entre o início do quarto trimestre de 1998 e

Janeiro, período em que as vendas de cimento registaram uma subida homóloga superior a 9 por cento.

O contínuo pessimismo revelado pelos resultados globais do inquérito de opinião realizado pelo INE junto dos empresários da construção deverá ser explicado pela comportamento desfavorável do investimento em edifícios não residenciais e em obras públicas.

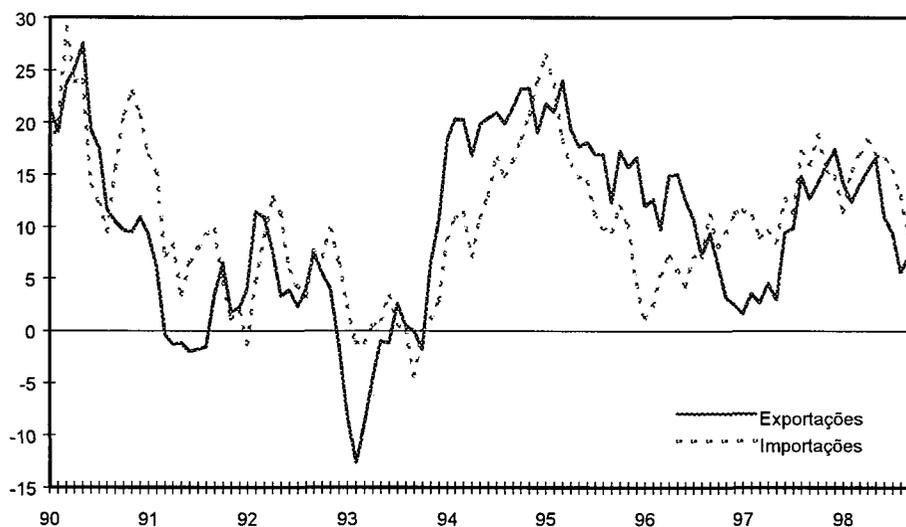
Na realidade, o valor das adjudicações das obras públicas teve uma quebra de cerca de 50 por cento ao longo de 1998 e esta tendência anual negativa mantinha-se no final de Janeiro. Por sua vez, o inquérito semestral realizado no final de 1998 pelo INE junto das empresas revela que o seu investimento em construção caiu também fortemente no ano passado.

A procura interna de veículos comerciais pesados desacelerou entre Outubro e o final de Janeiro, tendo por referência as estatísticas, ainda preliminares, relativas à evolução das matrículas deste tipo de veículos. O ritmo de crescimento das vendas de veículos comerciais novos já tinha abrandado significativamente durante os três primeiros trimestres de 1998.

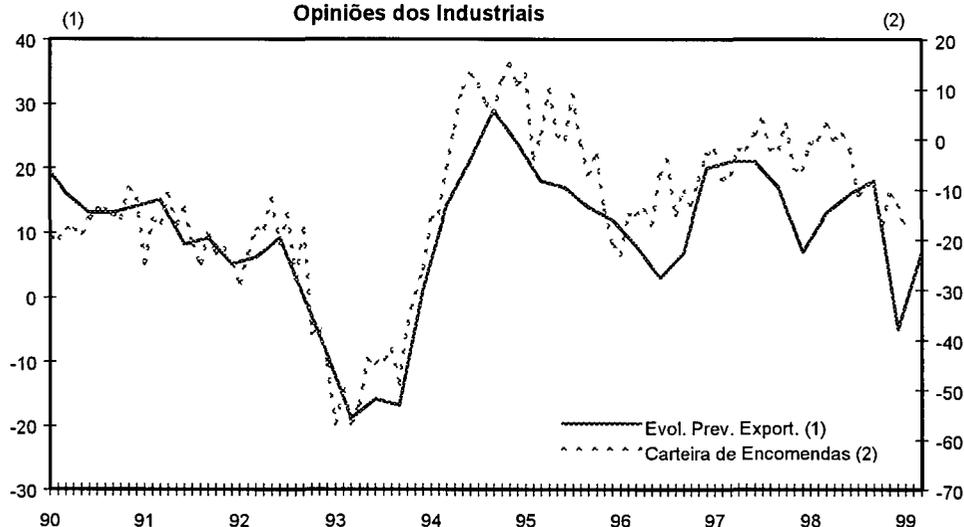
A componente importada do investimento em máquinas apresentou ao longo de 1998 um perfil semelhante aos do crédito ao investimento às empresas. O valor das importações de máquinas apresentou uma subida homóloga de cerca de 16 por cento entre Janeiro e Outubro mas a sua evolução durante o primeiro semestre foi muito mais forte do que nos meses seguintes. O crescimento das importações de máquinas poderá ter reanimado durante os últimos meses, dada a melhoria das apreciações dos empresários do comércio por grosso deste tipo de bens acerca da evolução do seu volume de vendas.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Nov.98	Dez.98	Jan.99
PROCURA EXTERNA								
Indicador de Procura Externa em valor (ECU)	13.0	7.4	4.1	-	-	-0.1	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	14.0	11.0	7.1	-	-	-	-	-
Intra-União Europeia	13.0	13.4	9.5	-	-	-	-	-
Extra-União Europeia	19.0	0.7	-2.2	-13.7	-	-11.7	-13.7	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	10.9	-	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	1	0	-10	-14	-	-11	-13	-18
Evol. Prevista das Export. (opiniões-vcs-valor trim.)	13	16	18	-5	7	X	X	X
IMPORTAÇÕES								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	17.0	16.5	9.3	-	-	-	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	17.2	-	-	-	-	X	X	X
TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)	66.4	66.2	64.7	-	-	-	-	-

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



PROCURA EXTERNA Opiniões dos Industriais



PROCURA EXTERNA

O ritmo de crescimento das exportações continuou a abrandar até ao final de Janeiro, acompanhando a perda de dinamismo das importações da UE. No entanto, as expectativas dos industriais apontam para uma ligeira reanimação do volume das exportações ao longo do primeiro trimestre de 1999.

O crescimento do valor das exportações de mercadorias portuguesas baixou para apenas 2,2 por cento durante o trimestre terminado em Outubro de 1998. O crescimento real das exportações terá sido um pouco mais positivo, dado que se estima que o deflator das exportações tenha sido ligeiramente negativo. A desaceleração do crescimento das exportações portuguesas é essencialmente explicada pelo comportamento das importações dos principais países clientes de Portugal, cujo valor em ECU registou uma descida homóloga de 0,1 por cento durante o trimestre terminado em Novembro.

A evolução das exportações terá sido ainda mais fraca durante os últimos meses, uma vez que os industriais portugueses avaliaram desfavoravelmente a evolução da sua carteira de encomendas externa até ao final de Janeiro e que a montagem de veículos com destino à exportação e as vendas para os mercados extra-comunitários apresentaram uma forte quebra durante o quarto trimestre de 1998. No entanto, os empresários prevêem uma ligeira reanimação do volume de exportações portuguesas durante o primeiro trimestre de 1999.

Apesar do seu abrandamento, o crescimento homólogo das vendas para a UE situou-se ainda em 5,5 por cento durante o trimestre terminado em Outubro.

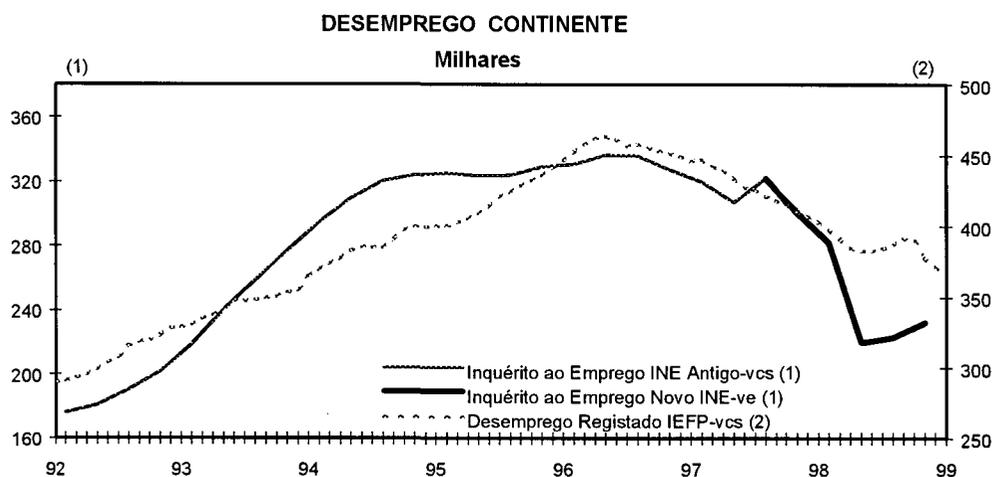
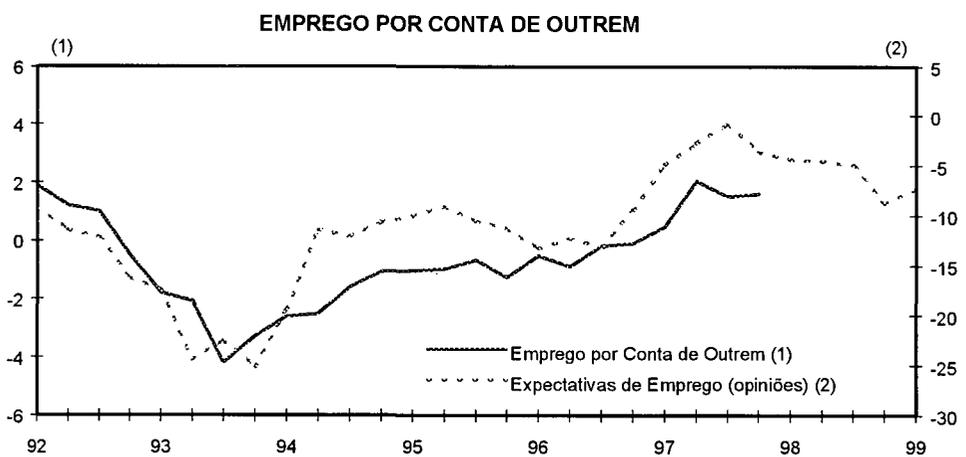
Por sua vez, o valor das exportações com destino aos mercados extra-comunitários apresentou uma descida homóloga de 13,7 por cento no decorrer do quarto trimestre. O principal contributo negativo para esta evolução resultou da forte quebra das vendas para a Ásia, que apresentaram uma diminuição homóloga de 15 por cento durante o conjunto do ano passado. As exportações para os PALOP e para a EFTA estagnaram no mesmo período, enquanto as destinadas aos restantes países europeus, não pertencentes à UE,

caíam 4,3 por cento. As exportações para os EUA cresceram 9,2 por cento e as destinadas aos restantes países do continente americano subiram apenas 1,8 por cento. As diferenças entre os crescimentos das exportações portuguesas nestes mercados retratam, com alguma precisão, a forma diferenciada como a crise internacional afectou esses mercados ao longo do ano passado.

Os metais comuns, as máquinas e aparelhos e os veículos e outro material de transporte foram os grupos de produtos exportados que registaram maiores ritmos de crescimento durante os dez primeiros meses de 1998. As vendas de calçado, de combustíveis minerais e de minerais e minério conheceram evoluções negativas.

O ritmo de crescimento das importações de mercadorias permaneceu mais forte do que o das exportações, embora tivesse também registado um significativo abrandamento, baixando para 6,2 por cento durante o trimestre terminado em Outubro. Entre os meses de Janeiro a Setembro, os preços de importação conheceram uma descida homóloga de 1,4 por cento, havendo indicações de que esta evolução terá sido particularmente negativa durante o segundo semestre. Assim, o diferencial do crescimento, em termos reais, entre as importações e as exportações estará a ser superior ao verificado entre as evoluções em valor. A evolução negativa dos preços das importações resultou sobretudo da forte descida dos preços das matérias primas e, embora em menor grau, dos produtos intermédios. A desaceleração dos crescimentos da produção industrial e das exportações terá provocado um significativo abrandamento do volume importado de bens intermédios.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Nov.98	Dez.98	Jan.99
EMPREGO E DESEMPREGO								
EMPREGO-INQUÉRITO ANTIGO INE (Continente)								
Emprego Total (tvh)	-	-	2.8	2.2	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-	-	-1.2	-4.1	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	-	-	7.3	10.7	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	-	-	4.8	5.8	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	-	-	3.8	4.0	-	X	X	X
Indicador de Expectat.de Emprego (opiniões-ve)	-4	-5	-5	-9	-7	X	X	X
DESEMPREGO-INQ. NOVO INE (Continente - ve)								
Total (milhares)	281.9	219.8	223.1	232.1	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	5.9	4.6	4.7	4.9	-	X	X	X
DESEMPREGO-IEFP (País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	404.3	395.3	405.9	385.8	-	390.7	385.8	380.6
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	33.5	33.7	34.0	34.5	-	34.6	34.5	34.8
DESEMPREGO-EXPECTATIVAS								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	24	21	19	24	-	21	24	23
SALÁRIOS - Total (mm3m)	3.2	3.3	3.3	3.1	-	3.1	3.1	3.3



EMPREGO E SALÁRIOS

O emprego subiu fortemente em 1998, tendência que se mantinha ainda no final do quarto trimestre. O desemprego saiu beneficiado, caindo significativamente ao longo do ano passado. As expectativas empresariais sugerem um andamento moderado do emprego por conta de outrem durante o primeiro trimestre de 1999 mas os indicadores do mercado de emprego revelam que este manteve um comportamento bastante favorável em Janeiro.

Entre o final do primeiro trimestre e o final do quarto trimestre de 1998 terão sido criados cerca de 100 mil novos empregos na economia portuguesa. Como resultado, o número de desempregados desceu cerca de 18 por cento.

A taxa de desemprego passou, no mesmo período, de 5,9 por cento para 4,8 por cento. Corrigida da sazonalidade, esta taxa conheceu uma ligeira subida durante o terceiro trimestre, estabilizando, depois, entre Setembro e Dezembro. De resto, uma evolução com o mesmo perfil foi verificada no terceiro trimestre no número de desempregados inscritos nos centros de emprego, embora este número tenha depois voltado a descer nos meses seguintes. Esta tendência descendente do desemprego prosseguiu em Janeiro, tendo o número de inscritos registado então uma queda homóloga de 9,1 por cento.

O inquérito às famílias revela que o emprego registou em 1998 uma evolução muito positiva na construção e na generalidade dos serviços, caindo no sector primário e na indústria transformadora. Comparativamente com o primeiro trimestre de 1998, o emprego teve no quarto trimestre uma quebra de 4,6 por cento na agricultura, silvicultura e pesca e uma diminuição de 1,3 por cento na indústria transformadora. Por sua vez, aumentou 8,6 por cento na construção e 3,3 por cento nos serviços, tendo as subidas mais fortes neste sector sido apuradas nas actividades imobiliárias e de prestação de serviços às empresas e nas outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais (exclui administração pública, defesa, segurança social, educação e saúde e acção social). O emprego aumentou 3,7 por cento no alojamento e restauração, enquanto subia 1,7 por cento no comércio e nos serviços de reparação de bens duradouros.

Estas evoluções do emprego são globalmente coerentes com o andamento de outros indicadores relacionados, directa ou indirectamente, com a actividade económica de cada sector.

Em termos profissionais, foram o pessoal dos serviços e os vendedores, com uma subida de 6,2 por cento entre o primeiro e o quarto trimestres de 1998, e os técnicos e profissionais de nível intermédio, com um aumento de 3,2 por cento no mesmo período, que mais cresceram em 1998.

O emprego por conta de outrem subiu 2,8 por cento no mesmo período, enquanto descia o número de trabalhadores por conta própria.

Em termos de horário de trabalho, constatou-se uma subida contínua do número de pessoas dos escalões das 26-35 horas e 36-40 horas, constatando-se uma significativa redução nos escalões extremos, até 15 horas e mais de 41 horas.

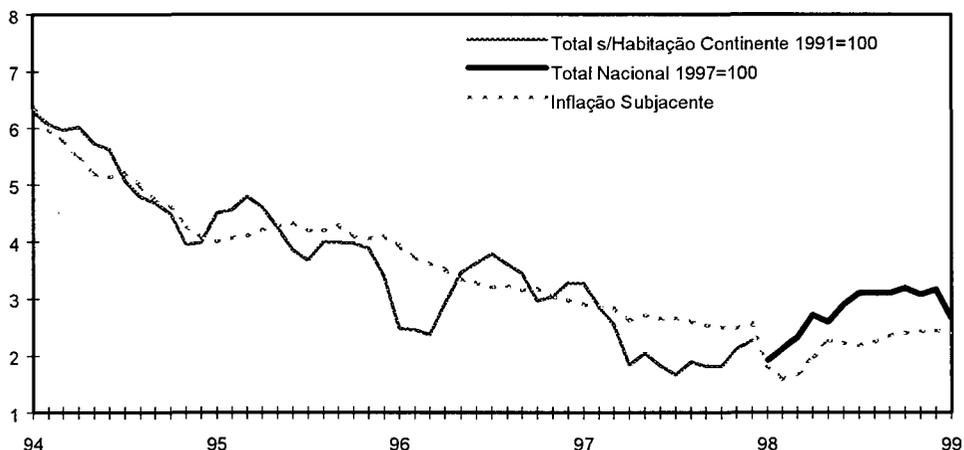
O número de contratos a tempo permanente subiu 1,2 por cento mas o aumento do número de contratados noutras situações, a prazo e outros, foi bastante mais forte, atingindo 11 por cento. No final do quarto trimestre este número era de 614 mil pessoas, cerca de 18 por cento do total do emprego por conta de outrem.

O mercado de emprego conheceu uma reanimação até ao final de Janeiro. O número de novas ofertas de emprego melhorou significativamente durante o trimestre terminado em Janeiro, mais do que compensando a subida das novas inscrições de desempregados.

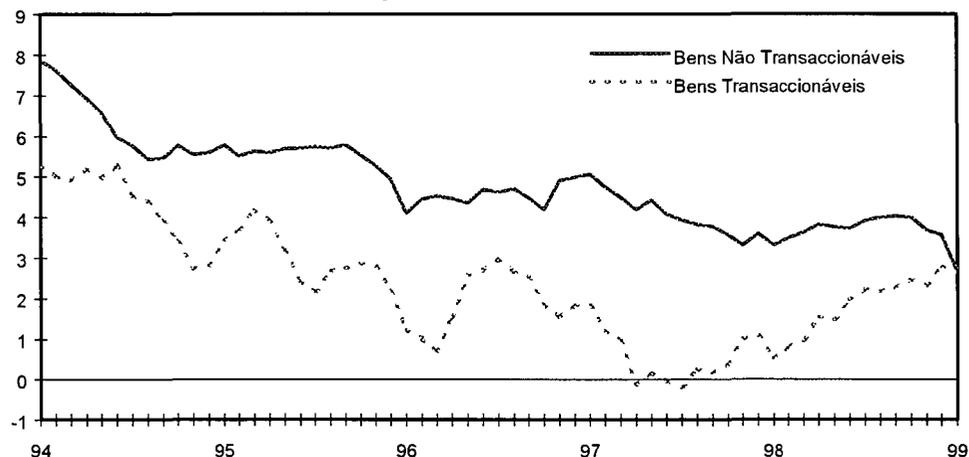
Por sua vez, os salários contratados tiveram uma subida anualizada de 3,3 por cento no mesmo período, uma evolução semelhante à apurada, em média, em 1998.

	Trimestres					Meses		
	IV.97	I.98	II.98	III.98	IV.98	Nov.98	Dez.98	Jan.99
PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)								
Índice Nacional	2.1	2.1	2.7	3.1	3.1	3.1	3.2	2.7
Índice Harmonizado	1.9	1.4	2.3	2.4	2.7	2.6	2.8	2.4
Indicador de Inflação Subjacente	2.5	1.7	2.2	2.3	2.4	2.4	2.4	2.4
Índice Transaccionáveis	0.8	0.8	1.7	2.2	2.5	2.3	2.8	2.8
Não Alimentares	1.3	0.2	1.1	1.5	1.9	1.9	2.2	2.4
Índice Não Transaccionáveis	3.5	3.5	3.8	4.0	3.8	3.7	3.6	2.7
Índice Bens	-	0.9	1.8	2.3	2.4	2.2	2.5	2.2
Índice Serviços	-	4.6	4.8	4.9	4.7	4.7	4.6	3.8
PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA								
Preços de Produção (índice)	1.3	-2.7	-2.7	-5.6	-	-7.6	-	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	2.6	2.5	2.0	1.1	-	0.4	-	-
Expectativas de Preços (opiniões)	9	7	5	4	-1	-1	-1	-1
EVOLUÇÃO CAMBIAL								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	-3.6	-3.8	-2.2	0.3	0.9	0.7	1.1	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-3.6	-3.8	-2.9	-1.3	-0.1	0.2	0.5	0.8
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-13.7	-10.6	-6.1	1.4	5.1	2.6	6.2	-

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



PREÇOS E CÂMBIOS

A inflação desceu em Janeiro, tendo a percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor baixado para 2,7 por cento. Esta descida resulta, em grande parte, do comportamento menos desfavorável dos preços dos produtos caracterizados por uma evolução irregular, tendo a tendência de fundo da inflação mantido um andamento estável, em torno de 2,4 por cento.

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor desceu de 3,2 por cento para 2,7 por cento, entre Dezembro e Janeiro últimos. No entanto, a tendência de fundo da inflação manteve-se estável, tendo a percentagem de variação homóloga do indicador da inflação subjacente permanecido em 2,4 por cento. Por sua vez, a mesma medida do índice de preços harmonizado baixou para 2,5 por cento.

A descida verificada em Janeiro resulta, em grande parte, de uma evolução global mais moderada por parte dos preços dos bens alimentares. De facto, a percentagem de variação homóloga do seu índice desceu para 3,1 por cento, contra 3,7 por cento no mês anterior.

Uma outra parcela significativa da queda da inflação é explicada pela actualização, anormalmente elevada, dos preços Ensino Superior em Janeiro de 1998, o que fez com que a variação homóloga do índice de preços da Educação passasse de 19,1 por cento em Dezembro de 1998 para 4,8 por cento em Janeiro último.

Apesar da maior moderação da evolução dos preços do conjunto dos bens alimentares, alguns destes bens mantiveram subidas muito fortes, com destaque para o peixe seco, para as frutas, para os legumes, para as féculas e amidos e para o vinho. A tendência destes preços apresentou-se, inclusivamente, ainda em aceleração. Por isso, caso venha a ocorrer uma melhoria das condições climatéricas, a inflação tenderá a aproximar-se do nível do indicador da inflação subjacente.

A maior moderação dos preços em Janeiro fez-se sentir essencialmente nos preços dos bens não transaccionáveis, tendo a variação homóloga da componente alimentar destes bens descido de 5,4 por cento para 4,1 por cento, enquanto a variação dos

restantes bens baixava de 3,4 para 2,5 por cento. A variação homóloga no conjunto dos bens não transaccionáveis desceu de 3,6 por cento para 2,7 por cento.

Por sua vez, a variação homóloga dos preços dos bens transaccionáveis estabilizou em 2,8 por cento, entre Dezembro e Janeiro. A evolução da componente alimentar dos bens transaccionáveis foi um pouco menos forte, desceu de 3,8 por cento para 3,4 por cento, mas a da não alimentar subiu, de 2,2 por cento para 2,4 por cento. Desde o início do ano passado que se verifica uma contínua subida da inflação desta última componente. Essa tendência tem sido particularmente evidente nos preços do vestuário e calçado e nos do equipamento doméstico.

Separando os produtos entre bens e serviços, constata-se uma descida mais significativa por parte destes últimos. Assim, a variação homóloga dos serviços desceu de 4,6 por cento para 3,8 por cento, enquanto a dos bens baixava de 2,5 por cento para 2,2 por cento.

Os preços de venda à saída da fábrica continuaram a cair, tendo a sua percentagem de variação homóloga na indústria transformadora sido negativa, em 7,6 por cento, durante o trimestre terminado em Novembro. Excluindo os preços dos derivados de petróleo e os produtos alimentares, verifica-se que a variação homóloga dos restantes produtos desceu, no mesmo período, para apenas 0,4 por cento. Esta tendência de progressiva moderação por parte dos preços à saída da fábrica terá prosseguido até ao final de Janeiro, tendo em conta as expectativas dos industriais.

A queda dos preços das matérias-primas e a estabilidade cambial continuam a favorecer a descida da inflação.

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

Página 2. Enquadramento Externo.

PIB dos países clientes. Agregação da variação homóloga do PIB (1990=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Produção Industrial - Países Clientes. Agregação dos índices de produção industrial (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores. Agregação dos índices de preços de produção (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado. Fonte: EUROSTAT.

Taxa de Desemprego - UE. Fonte: OCDE.

Carteira de Encomendas - Indústria da UE. Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

Indicador de Confiança dos Consumidores - UE. Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist"). 1990=100, em dólares.

Página 4. Actividade Económica.

Indicador de Clima Económico. Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicador de Actividade Económica. Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção. Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Índice (1990=100) de Produção da Indústria Transformadora, Índices (1995=100) de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios. Fonte: INE.

Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto. Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

Consumo de Energia Eléctrica. Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

Consumo Industrial de Energia Eléctrica. Fonte: EDP.

Consumo de Fuel - Indústria Transformadora. Fonte: Petrogal.

Página 6. Consumo Final.

Consumo Público. Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação). Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Operações Multibanco. Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e Índices), Importação de Automóveis, Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria. Fonte: INE.

Vendas de Super e Hipermercados. Fonte: APED.

Vendas de Gasolina. Fonte: Petrogal.

Vendas e Matrículas (Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno. Fonte: ACAP.

Página 8. Investimento.

Indicador Coincidente. Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Crédito ao Investimento Empresarial. Crédito a empresas não financeiras. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Vendas de cimento. Fonte: CIMPOR e SECIL.

Vendas de Varão para Betão. Fonte: Siderurgia Nacional e INE (importações).

Índice de Produção de Barro para Construção (1990=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção, Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso, Importações de Outro Material de Transporte. Fonte: INE.

Crédito para Compra de Habitação. Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

Adjudicações de Obras Públicas. Fonte: AECOPS.

Vendas de Veículos Comerciais. Fonte: ACAP.

Página 10. Procura Externa.

Indicador de Procura Externa. Agregação ponderada do valor (em ECU) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura. Fonte: DGREI, M.E., e INE.

Página 12. Emprego e Salários.

Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de 1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego. Fonte: INE.

Desemprego - Mercado de Emprego. Fonte: IEFP.

Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério Para a Qualificação e o Emprego.

Página 14. Preços e Câmbios.

Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria. Fonte: INE.

Inflação Subjacente. Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Índices de Preços de Exportação e de Importação (1996=100). Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

Informação sobre Câmbios. Fonte: Banco de Portugal.

LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações Editadas pelo INE

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS		AVULSO	ASSIN.	*
Índices de Preços na Produção Industrial - Metodologia e Séries Retrospectivas 1995-1997		1.680\$00		
Ind. de Vol. de Neg. Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Ind. - Metod. e S. R. 1995-1997		1.680\$00		
ESTATÍSTICAS GERAIS				
Anuário Estatístico de Portugal 1997		10.200\$00	8.160\$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1998 (x 12)		2.280\$00	21.890\$00	1
Portugal em Números 1997		Gratuito		
POPULAÇÃO AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS				
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1996		4.890\$00		
Série Estimativas Provisórias N.º 27		3.680\$00		
Portugal Social 1991/1996		6.000\$00		
Estatísticas da Protecção Social 1995-1996		2.400\$00		
Estatísticas da Saúde 1997		8.400\$00	6.720\$00	6
Estatísticas Demográficas 1997		6.730\$00	5.380\$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997		3.000\$00	2.400\$00	
Estatísticas do Emprego 1998 (Trimestral)		840\$00	2.690\$00	3
Associações Culturais e Recreativas 1995		1.500\$00		
AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA				
Estatísticas da Pesca 1997		3.040\$00	2.430\$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998		1.500\$00		
Estatísticas Agrícolas 1997		4.210\$00	3.370\$00	5
Pescas em Portugal 1986 - 1996		6.300\$00		
Estatísticas da Produção Agro-Industrial 1992-1995		1.500\$00		
Contas Económicas da Agricultura 1997		1.500\$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999		240\$00	2.300\$00	
INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA				
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997		2.120\$00	1.700\$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1996		3.600\$00	2.880\$00	6
Índices de Produção Industrial 1996		240\$00	2.300\$00	2
Estatísticas das Empresas - Indústria 1995		1.330\$00		
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999		650\$00	6.200\$00	
Índices de Preços na Produção Industrial 1998		420\$00	4.030\$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1998		360\$00	3.460\$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999		720\$00	6.900\$00	
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999		300\$00	2.900\$00	
COMÉRCIO INTERNACIONAL				
Comércio Internacional 1998		780\$00	7.490\$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997		8.400\$00	6.720\$00	6
Comércio ExtraComunitário 1998		780\$00	7.490\$00	2
COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS				
Estatísticas do Turismo 1997		4.440\$00	3.550\$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1997		6.300\$00	5.040\$00	6
Estatísticas do Transporte Rodoviário de Passageiros 1996		2.320\$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997		1.220\$00		
Estabelecimentos Comerciais 1997		1.130\$00	900\$00	4
Índice do Volume de Negócios no Comércio a retalho 1998		200\$00	1.920\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999		1.300\$00	12.500\$00	
ECONOMIA E FINANÇAS				
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996		3.070\$00	2.460\$00	
Empresas em Portugal 1990 - 1995		2.190\$00		
Painel de Empresas 1996 - 1997		1.800\$00	1.400\$00	
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1996		5.680\$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1994 - 1995		3.750\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1998		1.400\$00	13.400\$00	
Contas Nacionais 1995		2.070\$00		
Síntese Económica Mensal 1999		480\$00	4.600\$00	
ESTATÍSTICAS REGIONAIS				
Contas Regionais 1990-1994		3.000\$00		
Retrato das Regiões 1998		5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1997		5.820\$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1998 (Semestral)		600\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1998 (Mensal)		600\$00		
Anuário Estatístico da Região Algarve 1997		3.940\$00		
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1997		4.650\$00		
Estatísticas das Regiões Fronteiriças do Alentejo e da Extremadura 1998		4.000\$00		
Os Municípios do Alentejo 1997		8.000\$00		
Os Municípios do Algarve 1998		5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1997		6.000\$00		
Anuário Estatístico Portugal Região Centro - Espanha Castilla y León 1997		4.500\$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1997		4.140\$00		
Atlas de Empresas Galicia - Norte de Portugal		3.000\$00		
ESTUDOS				
Revista de Estatística 1998 (quadrimestral)		2.310\$00	5.540\$00	7

* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.860\$00	155\$00	4.920\$00	410\$00	9.120\$00	760\$00
2	960\$00	80\$00	2.460\$00	205\$00	3.960\$00	330\$00
3	320\$00	80\$00	820\$00	205\$00	1.320\$00	330\$00
4	160\$00	80\$00	410\$00	205\$00	660\$00	330\$00
5	280\$00	280\$00	750\$00	750\$00	1.450\$00	1.450\$00
6	510\$00	510\$00	1.300\$00	1.300\$00	2.550\$00	2.550\$00
7	840\$00	280\$00	2.250\$00	750\$00	4.350\$00	1.450\$00

